O INFERNO NÃO É QUENTE, MAS MUITO FRIO: UMA TRADUÇÃO DO CANADÁ A PARTIR DOS TRÓPICOS

Miguel Nenevé
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
E-mail: neneve@unir.br

Resumo: Pauline Melville e Cyril Dabydeen são dois autores nascidos na América do Sul, mais especificamente na República da Guyana que vivem respectivamente na Inglaterra e no Canada. Ambos são autores reconhecidos no país onde moram e fora dele e continuam a escrever sobre os trópicos, Guyana, América do Sul e Caribe. Neste artigo me proponho a discutir dois textos produzidos por estes autores que invocam a Guiana e a dificuldade que pessoas têm de se adaptar ao Canadá: da obra de Pauline Melville, focalizo em Beatrice, uma personagem de *The Ventriloquist´s tale*, de Cyril Dabydeen me concentro na personagem Ravi, do conto "North of Equator". Ambos os textos nos apresentam personagens que, vivendo num país pobre precisam migrar para o Canadá mas precisarão de esforços para entender ou "traduzir" o novo país. Proponho-me a argumentar que os textos vão apresentando uma tradução e retradução do Canadá frio, por pessoas que saem do sul, do conforto do calor tropical. Estudiosos que discutem a tradução cultural tais como Barbara Godard (2009), Sherry Simon (2004), Peter Burke (2000), entre outros, e autores que estudam diáspora tais como Paul Girlory (1993) e Salman Rushdie (1993) me auxiliam a sustentar meu argumento.

Palavras-chave: Tradução cultural. Diáspora. Canadá. Guiana.

HELL IS NOT HOT BUT VERY COLD: A TRANSLATION OF CANADA FROM THE TROPICS

Abstract: Pauline Melville and Cyril Dabydeen are two writers born in South America, more specifically in the Republic of Guyana who live in England and Canada respectively. Both are well-known authors in the country where they live and abroad and continue to write about the tropics, Guyana, South America and the Caribbean. In this article I propose to discuss two texts produced by these authors that invoke Guyana and the difficulty that people from this country have when they need adapt to Canada: from Pauline Melville's work, I focus on Beatrice, a character from *The Ventriloquist´s tale,* from Cyril Dabydeen, I focus on the character Ravi from the tale "North of Equator". Both texts introduce us to characters who, living in a poor country, need to migrate to Canada but will need efforts to understand or "translate" the new country. I propose to argue that the texts feature a translation and retranslation of cold Canada by people coming from the South, that is, from the comfort of the tropical heat. Scholars who discuss cultural translation such as Barbara Godard (2009), Sherry Simon (2004), Peter Burke (2000), among others, and diaspora authors such as Paul Girlory (1993) and Salman Rushdie (1993) help me support my point.

Keywords: Cultural translation. Diaspora. Canada. Guiana.

Introdução

Otávio Paz (1998, p. 33-34) afirma que "a linguagem em si já é, na sua essência, uma tradução". Para este teórico, quando se fala já se está traduzindo, o que pode nos sugerir que ao trabalhar um texto, eu já estou trabalhando uma "tradução". Peter Burke (2000) de certa forma segue este pensamento ao afirmar que "se o

passado é um país estrangeiro, conclui-se que até o mais monoglota de todos os historiadores é um tradutor". Daí podemos seguir refletindo que escrever sobre outro país para um grupo de leitores de seu país, já é uma tradução. A estudiosa canadense Barbara Godard (2009, p.30) desenvolveu a ideia da tradução como cultura e questiona "como a teoria geral de transferência se manifesta numa economia particular de tradução." Nesta linha de pensamento, podemos dizer que nós que vivemos na Amazônia, embora muitas vezes não percebamos, temos a oportunidade de conviver constantemente com a tradução. Imigrantes, ou migrantes, jornalistas, repórteres, escritores, fotógrafos ou produtores de vídeo de várias partes do mundo, chegam por aqui para traduzir a Amazônia para o mundo, ou às vezes para traduzir a Amazônia para sua própria sobrevivência. Livros como *The World is Burning* de Alexander Shoumatoff, *Amazon Extreme: Three Ordinary Guys, One Rubber Raft and the Most Dangerous River* do canadense, entre muitas outras obras, revelam a importância que se dá à percepção da Amazônia por estrangeiros. Neste momento, agosto de 2019, em que aumentaram os índices de queimadas na região pudemos mais visivelmente perceber como a Amazônia foi traduzida de diversas partes do mundo.

Como estudiosos de tradução e pós-colonialismo, frequentemente temos explorado e discutido a tradução cultural a partir do que os "olhos imperiais' traduzem que presenciaram em suas viagens a outras terras, sobre "os outros", os povos visitados. Neste aspecto considera-se muitas vezes a percepção de um colonizador visitando um país colonizado como uma tradução que se faz para a audiência ou para o público leitor da pátria mãe. A estudiosa de tradução Susan Bassnett (1993) argumenta que existe uma relação clara entre a tradução e a colonização. Segundo esta autora, uma força manipuladora na tradução como também implicações políticas de transferência intercultural, fundamental para qualquer atividade de comparação" (BASSNETT, 1993, p.157). A estudiosa indiana Tejaswini Niranjana (1992) também argumenta que a tradução tem muito a ver com colonização. Acredita também que questões como quem fez a tradução, como foi feita, por que motivo o texto foi traduzido e o impacto da tradução sobre a opinião do leitor devem ser consideradas quando se estuda tradução. A estudiosa argumenta que a imagem projetada nas traduções incentivava a ideologia colonial: a cultura indiana era apresentada como estática, sem história importante a não ser aquela do Oriente despótico. Niranjana

afirma que a história é negada pois é considerada ficção pelo europeu, no entanto, a ficção em forma traduzida é como história (p.182). Gostaríamos, portanto, de enfatizar aqui a tradução cultural, isto é a tradução que um escritor estrangeiro faz de outro país e de outra região. No caso da Amazônia, costumamos concordar com a estudiosa manauara Neide Gondim que afirma que há uma visível "invenção" da Amazônia. Poderíamos interpretar muitas vezes que a Europa colonizadora seria o grande original e a América uma tradução, assim como podemos sugerir que a Amazônia, pode ser uma tradução do original, do hemisfério norte.

A sugestão é de que ser traduzido para a outra a audiência ou outro grupo de leitores, é uma forma de apropriação de acordo com o interesse do tradutor, de seus leitores e da própria editora. Por outro lado, podemos perceber o inverso, principalmente em ficções, quando um escritor de um país colonizado, do sul global ou do hemisfério Sul traduz o norte ou manifesta sua percepção sobre o Hemisfério Norte. Poderíamos citar vários livros da literatura brasileira que "traduzem" a Europa ou o "Norte" de um modo geral. Um exemplo seria a obra de Chico Buarque, *Budapeste*. Neste texto queremos explorar obras de dois autores da Guiana que escrevem sobre o Canadá. São personagens de obras de ficção que interpretam o Canadá como inverso ao seu país de origem. Autores da América do Sul cujos textos nos convidam a refletir sobre a percepção de um sul-americano dos trópicos sobre a América do Norte. Podemos propor que as personagens traduzem o Canadá a partir de sua vivência e experiência na América do Sul. Neste caso, são personagens que migraram de um país de "Terceiro Mundo" para um país desenvolvido, considerado do "Primeiro Mundo".

Poder-se-ia talvez sugerir que a América do Norte é a busca de sobrevivência de quem nasceu em um país sem muitas perspectivas de crescimento econômico. Seria possível talvez referir-se à América do Norte como o "Centro" e a América do Sul, neste caso, a periferia. Como tradutores do América, as personagens, de certa forma proporcionam possibilidades de integração e cooperação entre estas culturas. Como Anthony Pym (2004, p.200) afirma "os tradutores deveriam criar um termo de cooperação entre as culturas". Nossa proposta é justamente explorar esta cooperação que pode surgir quando um autor da América do Sul escreve sobre a vida na América do norte, sua cultura, seu clima, seus modos de sobrevivência.

O Canadá para migrantes dos trópicos nas obras de Pauline Melville e Cyril Dabydeen

A migração, como exílio, proporciona o surgimento de uma identidade fragmentada, destruída, desconstruída e desenraizada. As tensões entre o local e o global, entre o lugar de origem colonial e o local de destino num mundo novo estão presentes na mente de quem se desloca para questões de sobrevivência. O novo local precisa ser entendido, interpretado e traduzido. A tradução que um migrante de um país tropical, da América do Sul e pertencente ao "Terceiro Mundo" faz do Canadá tem a ver com sua vivência no país de origem. Aqui pretendemos concentrar em dois textos de autores da República da Guiana, antiga Guiana Inglesa: Pauline Melville, que atualmente vive na Inglaterra, e Cyril Dabydeen, no Canadá há mais de trinta anos. Argumentamos que em ambos os textos percebe-se uma reflexão sobre busca de identidade ao mesmo tempo em que se notam diferentes possibilidades de ler o deslocamento, a migração e a hibridização das identidades.

Poderíamos dizer que em ambas as obras há uma tentativa de interpretar ou traduzir a confusão e a complexidade presentes nas questões referentes à identidade. Há problema de pertencimento no novo país, uma "certa incerteza" provocada pelo deslocamento, pelo desenraizamento e pela necessidade de sobreviver ao desconhecido. O imperativo de se reafirmar, de voltar às origens, de recriar a identidade origina-se talvez justamente na fragilidade causada pelo deslocamento nos personagens migrantes, explorados pelos autores que também são migrantes. Negociação, criação ou recriação de espaços a fim de que se possa sobreviver no outro território tornam-se indispensável. Como diz Salman Rushdie, (1993, p.20), indiano que teve que se deslocar para a Europa: "é possível que os escritores que se encontram na minha situação, exilados, emigrados ou expatriados sejam obcecados por um sentimento de perda, pela necessidade de reconquistarem um passado" (1993, p.20). A estudiosa brasileira, Bernadete Porto (2004, p. 72) em seu artigo "Pátrias Imaginárias na Poética das Migrações" argumenta que autores migrantes, sentindo a necessidade de construir uma identidade no novo espaço, passam a formar uma nova relação com a terra que deixaram: "Aí se manifesta um duplo apelo, experimentado

como impasse doloroso e/ou entre dois produtivo: o difícil desligamento da origem e a necessidade de ruptura com uma existência anterior". É possível perceber nos textos de escritores guianenses, no caso Melville e Dabydeen, o problema de pessoas que migraram para países do "Primeiro Mundo".

Parece possível afirmar que nestes autores há uma visível necessidade de recriar e retraduzir a história do país que ficou para trás, no caso a Guiana tropical, no canto da América do Sul. Usando as palavras de Bernadete Porto (2004, p. 72), "como seres exilados sentem-se desabitados de si mesmos, sua pátria já não coincide com ela própria, deixando de ser a mesma para tornar-se outra, mistura híbrida do vivido, do sonhado e do que foi reescrito pela memória inventiva." Aqui percebemos, portanto, a necessidade de "um terceiro espaço", que é a própria tradução, onde a dinâmica do poder central pode ser desconstruída" como defende Homi Bhabha (1994 p. 18-28). Nas obras que passaremos a discutir, portanto, percebemos a necessidade de uma defesa de volta às origens, um retorno a um "texto original na mente das personagens". Seria uma volta a algo já vivido, embora possam ser textos imaginários, não fixos, embaralhados com a migração, as mudanças e os deslocamentos. A própria experiência de deslocamento nos dois autores parece dar vigor à reconfiguração da memória e à reconstrução do espaço e poderíamos dizer do texto canadense que substitui o que aqui chamamos de texto neste caso a Guiana ou o Caribe.

Tanto Melville como Dabydeen deixaram a República da Guayana, sua terra natal, há mais de quarenta anos, mas ambos continuam escrevendo sobre a República da Guiana, o seu mundo das Índias Ocidentais, as suas fronteiras sem limites, a grande Região Amazônica na América do Sul, na fronteira, próximo ao Brasil. Seus textos de certa forma proporcionam várias traduções de vários mitos e histórias que permeiam esta região. Portanto, as personagens de Melville e Dabydeen revelam uma percepção clara da atmosfera sul-americana e especialmente uma consciência da presença marcante do Brasil com sua fronteira próxima, seus mitos e tudo o que isso implica. Ambos revelam, sobretudo, uma necessidade de traduzir o Canadá, geograficamente contrastante em relação à Guiana tropical, onde eles nasceram. As obras que eu selecionei para discutir aqui são *A História do Ventríloquo* (*The Ventriloquist's Tale*) de Pauline Melville e "Norte do Equador" ("North of Equador") de Cyril Dabydeen.

A obra A História do Ventríloquo (*The Ventriloquist's Tal)* de Melville oferece-nos um narrador, que já no prólogo se revela um *trickster*, evoca o escritor brasileiro Mário de Andrade, criador de *Macunaíma*:

> Por despeito me obrigo a relatar que meu biógrafo, o notável brasileiro Mário de Andrade estava errado quando me mandou para o céu de uma maneira desajeita. Eu acho que acreditava que ficaria sempre entre as estrelas fofocando – como nós índios sul-americanos normalmente fazemos em nossas redes à noite (MELVILLE, 1998, p. 1, tradução nossa).[1]

Há aqui a sugestão da necessidade de retraduzir a posição do escritor brasileiro que acreditava na identidade brasileira, uma identidade mestiça. O narrador de Melville lembra o leitor sobre a importância de percebermos quem é o narrador ou tradutor, que posição ele ocupa na hora de traduzir um texto: "Mas eu primeiro reclamo minha posição como narrador neste romance. Sim, eu Ruidoso, adorável, irrepreensível, adorável eu (1998, p.1) [But first, I claim to the position of narrator in this novel. Yes, me Rumbustious, irrepressible, adorable me" (MELVILLE, 1998, p. 1). O narrador nos conta mais tarde que ele não é o herói da história e sim descendente de um grupo de pedras no Equador: "de onde eu venho as pessoas tem longa memória. Cada um de nós pode recitar sua ancestralidade de trás para frente gerações e gerações" (MELVILLE, 1998, p. 2). Ao explorar o impacto do Europeu colonizador sobre os ameríndios da Guiana por meio da história de amor entre um irmão e uma irmã há uma sugestão de como a vida da Guiana é traduzida por outros leitores.

A maior parte do cenário é formada pelas florestas equatoriais da Guiana, na fronteira com o Brasil, muito quente e úmido e oferecendo uma vida muito árdua, abafada, difícil e perigosa para todos nascidos lá. É neste ambiente que as tribos Ameríndias contam a história de um incesto para explicar o fenômeno do eclipse e a origem do sol e da lua.

No romance de Pauline Melville o leitor pode, portanto, perceber certa tradução de histórias e mitos que o convidam a ouvir interpretações da vida feitas pelos Wapisianas. Estas narrativas se misturam com crenças dos Macuxis e outros povos ameríndios, bem como com afro-descendentes, pessoas com princípios cristãos da Escócia e outras origens. O romance de Melville também apresenta a Guiana dos dias

[1] Spite impels me to relate that my biographer, the noted Brazilian Senhor Mário Andrade [sic], got it wrong when he consigned me to the skies in such a slapdash and cavalier manner. I suppose he thought I would lie forever amongst the stars, gossiping – as we South American Indians usually do in our hammocks at night (Melville, 1998, p.1).

atuais, as tensões religiosas, sociais e filosóficas. O narrador, que pode ser um tradutor de seu povo, leva-nos a crer que as origens nunca são puras nesta região do mundo, que não há como falar de uma identidade deste país. A própria autora que é uma migrante, nos conta que a sua origem pessoal tem a ver com a figura de *trickster:*

> Eu também causo confusão. Eu pareço totalmente inglesa. Minha mãe é inglesa...de uma família de Londres, uma tribo de anglo-saxões, se isso realmente existiu, de cabelos loiros e olhos azuis. As fotos mostram os anjos de St. Agostinho em roupas típicas de anjos. Meu pai nasceu na Guiana. As fotos mostram um revelam uma mistura feição africana, europeia e ameríndia. Uma família meio escura, com olhos observadores, com exceção de um com tem olhar de holandês. Pois bem. Berbice o local de seu nascimento foi uma colônia holandesa no século dezoito. Eu sou a branca na pilha de lenha. O deus trickster aparece em outro disfarce. Ele cedeu o manto científico da genética (MELVILLE, 2006, p. 139-140, tradução nossa).[2]

Percebemos que há uma conexão próxima entre a obra de Mário de Andrade, *Macunaíma*, e o texto de Melville ou, por que não dizer, Melville traduziu Mário de Andrade, mantendo o tema do hibridismo racial, que de alguma forma caracteriza o Brasil e a América do Sul. No entanto, há interpretações diferentes sobre o tema miscigenação. Como argumenta a estudiosa americana April Shemak, em sua tese de doutorado "Trespassing: Tracking the Native Informant in Literatures of the Americas" (2004, p.84), a obra da guianense Pauline Melville, *The Ventriloquist´s Tale*, oferece uma crítica ao modernista Mário de Andrade, que se traduz a cultura ameríndia com a finalidade de construir uma identidade nacional brasileira. De fato, para Melville é muito difícil traduzir a cultura ameríndia, pois ela é muito complexa. Nada é simples, até os mitos são complexos e de difícil representação, como se vê em *The Ventriloquist´s Tale*. O mito de Macunaíma (ou "Makonaima") é recontado sob diversas perspectivas e revela não somente a constante metamorfose por que os indígenas passam, mas também a variação do mito dependendo de quem conta. É necessário criar e reinventar histórias e lendas como truques e estratégias para encarar os problemas causados pela colonização.

[2] I also cause confusion. I look completely English. My mother is English... from a London family, a tribe of Anglo-Saxons if ever there was one, blonde and blue-eyed. The photographs show St. Augustine's angels in hand-me-down-clothes. My father was born in Guyana... The photographs show a genetic bouquet of African, Amerindian and European features, a family gazing out from dark, watchful eyes–all except one, who turned out with the looks of a Dutchman. But then, Berbice, their birthplace, was a Dutch colony in the eighteenth century. I am the whitey in the woodpile. The trickster god now appears in another guise. He has donned the scientific mantle of genetics (MELVILLE, 2006, p. 139-140).

A personagem Choffy Mckinnon, que poderia ser Macunaima, vive na região de Rupununi, próximo à fronteira Brasil-Guiana. Em uma viagem a Georgetown para ver sua tia Wifreda. Enquanto Wifreda lembra de sua infância, a narrativa volta ao passado para lembrar a história da geração anterior. Assim se revisita a história, as lendas e os mitos de seu povo. Desta maneira chegamos à história de um caso incestuoso entre o tio de Chofy, Danny, e Beatrice, irmã de Danny. Wifreda descobre a relação incestuosa entre os dois e eles se obrigam a dar fim a tudo. Danny casa-se mais tarde com uma brasileira e Beatrice, sem outra perspectiva, se exila no Canadá.

É no Canadá, seu auto-exílio, que Beatrice tentará nascer novamente, tentará começar uma nova vida, experimentar nova esperança para melhorar sua autoestima. Se em sua terra natal, Guiana, ela se sentia deslocada por causa de circunstâncias familiares, no Canadá, o deslocamento tem características psicológicas, geográficas e climatológicas. O espaço de entre lugar continua na vida de Beatrice. Isso lhe dá oportunidade para evocar lembranças do passado, de sua terra natal, de sua cultura e assim planejar um novo começo. Percebe-se que a personagem quer preservar este passado em sua memória e, de certa forma, re-significar e retraduz em seu novo lugar, o Canadá ao mesmo tempo em que traduz o Canadá para um significado que lhe seja propício à sua origem. Beatrice procura fabricar um diálogo com o seu passado e sua origem para entender e traduzir o que tem pela frente:

> Antes de seu segundo inverno no Canadá Beatrice veio a entender que o demônio tem a ver com frio, não com o calor como muitas pessoas pensam. Ele ficou no topo da Monte Real usando casaco de pelo e chapéu, próximo ao local onde as carruagens de cavalo esperavam para pegar turistas que queriam descer as montanhas (MELVILLE, 1998, p.271, tradução nossa).[3]

Aqui percebemos uma “tradução” que Beatriz faz da América do Norte, agora o seu inferno. Para ela, os ensinamentos que diziam que inferno é muito quente devem ser revistos: no Canadá, ele sofre com o frio e traduz este frio como inferno. Beatrice tenta reinventar a sua visão de mundo, das Américas, a refazer sua comparação da América do Sul e o terreno geopolítico conhecido como Canadá. O novo lugar faz Beatrice sentir-se deslocada e confusa em relação à sua identidade. Esta tradução

[3] It was not until her second winter in Canada that Beatrice came to understand that the devil has to do with cold, not heat as most people think. She stood on top of Mount Royal wearing a fur muffler and hat, near to where the horse buggies waited to take tourists back down the mountain. (Melville, 1998: 271)

para inferno é motivada pela falta de pertencimento, ela sente que não é ninguém no clima gelado: As poucas pessoas que estavam lá mantinham a cabeça baixa contra o vento gelado e flocos de neve, dificilmente percebendo a presença da jovem com um chapéu Cossack cinzento que caminhava pela neve (MELVILLE, 1998, p. 271, tradução nossa).

Beatrice tem que fazer um esforço para traduzir o Canadá de uma forma favorável a fim de poder sentir-se viva no novo lugar. Migrando de um pequeno país do chamado da América do Sul com um clima tropical, ela sente-se sem poder expressar sua personalidade no novo ambiente, mesmo sendo o país de origem, um país anglófilo. A mulher da Guiana tropical terá que lutar para sentir-se em casa no gelado país da América do Norte. O novo local é certamente um exílio onde ela terá que lutar a fim de resinificar o espaço novo. Precisa traduzir este ambiente para poder trazer significação para a nova vida. Como diz a estudiosa argentina Adriana Amante: “El exilio es la politización, del horizonte. Por otro lado, como heterotopia de exclusión, el exilio es el apartados y marcados. A la vez lugar y no lugar, el espacio in between de exilio puede devenir – por obra de los exilados – en un espacio de intervención” (AMANTE, 2000, p.149).

É no exílio que Beatrice reconstruirá e reinterpretará algumas de suas crenças, alguns de seus conceitos do mundo. O clima frio, por exemplo, faz com que ela repense e traduza suas lições no convento, quando criança. Ela percebe que agora era hora de traduzir de um modo diferente que lhe tinham ensinado no convento, em sua terra natal. As freiras tinham lhe dito que o inferno era um local quente, cheio de fogo ardente: “Ela conclui que as freiras estavam erradas, porque para ela o inferno é um lugar frio, profundo e escuro de onde há retorno.” (MELVILLE, 1998, p.272). No entanto, o espaço hostil que ela tem que encarar será traduzido e transformado no seu espaço, pouco a pouco.

De algum modo, esta reinterpretação e retradução servir-lhe-á para interferir neste novo local e deixá-lo ao menos um pouco mais próximo do seu mundo. A personagem nascida na Guiana vivendo no Canadá torna-se um sujeito ativo, crente que de alguma forma ela pode redefinir o espaço, redefinir-se ao reinterpretar este novo contexto. Beatrice mora numa pousada, consegue um emprego e mais tarde casa-se com Horatio Sands, alguém que “nunca conseguia lembrar-se onde ficavam

as Guianas, mesmo depois que ela tinha mostrado a ele no mapa" (MELVILLE, 1998, p.278). Eles trabalham muito, arrumam seu apartamento em Montreal conseguem sentir-se quase confortáveis em seu novo local, o espaço que eles conquistaram. Beatrice, junto a seu novo marido, como a ver Canadá como algo que tem significado novo, lhe dá um pouco um sentido de lugar, de pertencimento, de um lar. Encontrando-se com uma mulher Indígena em Montreal, observando seu estado de pobreza, Beatrice reflete sobre a origem da mulher e automaticamente pensa em sua própria origem.

A sua vida na comunidade indígena e sua educação ficarão para sempre em sua mente: "Quando ela encostava sua cabeça no sofá e cochilava ela podia ouvir a voz de Mamai Maba novamente" (MELVILLE, 1998, p.281). A sua tradução da América do Norte agora é nova, é uma mistura como que ela já viveu, como o que ela já era familiar. A sua percepção de deslocamento já se torna algo híbrido: ela, poderíamos dizer, adaptou um pouco o texto de chegada ao texto de origem. Embora longe do espaço que lhe deu identidade, o mesmo espaço que a "expulsou", ela sente que o Canadá pode também ser um local de realizações, um local de intervenções e um local onde ela pode reconstruir sua vida. Como diz a estudiosa de tradução, Sherry Simon (2004, p.15), "o híbrido implica na abertura de novos espaços de enunciação, espaços que vêm desarranjar a geometria das relações culturais e questionar a hierarquia do poder que as sustentam".

Como Pauline Melville, Cyril Dabydeen é um escritor internacionalmente reconhecido que nasceu na República da Guiana e que vive num país do dito "Primeiro Mundo". Dabydeen não explora muito o contexto caribenho, a questão de deslocamento dentro da Guiana, mas os mitos sul-americanos, como podemos ver, por exemplo, em seu livro de poemas *Born in Amazônia*. Vozes e paisagens da Amazônia aparecem e desaparecem em sua poesia bem como em sua ficção, misturadas com a sua experiência canadense. Os mitos, que podem ser histórias que intermedeiam o mundo conhecido e o desconhecido, o experienciado e o imaginado estão sempre presentes em seus escritos. Alusões à América do Sul e suas figuras literárias, o uso da língua espanhola e às vezes portuguesa parecem revelar o desejo do autor de ser inserido neste contexto, um contexto latino-americano como se pode ver em sua poesia que dá título à coleção: "Born in Amazônia": "In the sun, the

mountains. / Guevara too is dead" (DABYDEEN, 1995, p. 54). Parece que a maioria de suas origens são imaginárias e inventadas traduzidas para o novo contexto, a fim de sobreviver em seu novo espaço, o Canadá.

Nos textos de Dabydeen, os países da América do Sul parecem estar presentes como importantes vizinhos que também sofrem com a colonização. A desolação causada pelos tesouros sul-americanos que vêem desaparecendo é sentida pelos habitantes da região. O poeta diz que "quando os deuses ficam mais humanos a vida torna-se pior" (DABYDEEN, 1995, p.55). Pode-se ver na obra de Cyril Dabydeen uma mistura de crenças guianenses, sul-americanas e canadenses.

Como Pauline Melville, Dabydeen apresenta o Canadá como um novo texto e contexto que contrasta com o contexto de quem nasceu na Guiana tropical, cheia de calor e de mitos. Parece que a comparação contrastiva começa com o clima, tão diferente do clima tropical, e caminha para aspectos mais profundos. Exploramos aqui, o seu conto "North of Equator" que dá nome à coleção de contos do autor. Gostaríamos de explorar algumas representações e traduções do Canadá visíveis neste texto.

"North of Equator" é o primeiro conto da coleção e oferece ao leitor uma boa oportunidade para refletir em migração, deslocamento, adaptação e intervenção no novo espaço. Pode-se dizer, usando as palavras de Roland Walter (2003, p.19), que há, nesta obra, "tanto fusão como separação, confluência e antagonismo". Ravi, um imigrante dos trópicos que chega ao Canadá está conversando com uma mulher em uma sauna. De certa forma eles conversam sobre suas traduções que fazem do Canadá a partir de suas origens.

Pierrete, também uma caribenha, sonha em ir de volta para Jamaica. Isto faz Ravi questionar a si mesmo, incita-o a meditar sobre sua condição de "exilado". Ravi repensa e rumina sobre sua vida do passado e do presente. Enquanto o cenário é muito interessante – a sauna contrasta perfeitamente com a forte tempestade de neve do lado de fora – questões de hibridismo, de alteridade e de uma confusa sensação de despertencimento são perceptíveis. Se Ravi e Pierrete observam a vida no Canadá, eles também deixam, ao mesmo tempo, que as memórias os levem ao passado no distante e paradisíaco local no Caribe. A sauna quente na área da piscina, um local

público, parece ser o local ideal para refletir sobre a sua condição de entre-lugar, não exatamente no Canadá e nem exatamente em sua terra de origem.

É Pierrette que dá a Ravi a oportunidade de pensar sobre sua própria vida no "novo lugar", ao mesmo tempo em que ele volta em sua memória para sua terra natal. Embora ambos revelem a sua visão do Canadá como um espaço ainda não conquistado, ou uma zona de conflito que exige deles luta para resistir, é Ravi que parece ser mais consciente da necessidade de negociar a fim de resistir à dominação e evitar a experiência de sentir-se um estranho e inferior no novo lugar, o novo país na América do Norte. Aqui, como na ficção de Pauline Melville, o clima é um dos "inimigos" contra quem eles têm que lutar. Ademais, há outros obstáculos que precisam ser ultrapassados a fim de se poder sentir "em casa" no novo lugar. Ele parece que nunca se sente completamente em casa na "Nova" América, que é um espaço de contraste e que exige tanto dele.

> Ravi pode ouvir a tempestade lá for a. Ele pensa no lugar de onde ele veio e na vida que ele leva agora no Canadá, onde o clima é sempre um fator. Aqui, no Canada, pensava, é o país que ele quer viver por completo Todos os lagos e rios. Talvez um dia aprender a esquiar montanha abaixo na Whistle Mountain com velocidade enorme. Que fantasia. Com olhos fechados entre inúmeras formas ele pensa nele mesmo tornando-se um viajante de estação e indo ao centro de informações turísticas inclusive as de New Brunswick, Prince Edward Islands, Nova Scotia, Ontario, Manitoba e British Columbia cada um enviando revistas cheias de fotos. Porém, ele também lembra de alguém que disse recentemente a ele que no importat o que, ele jamais poderá ser. Ser o quê?...um canadense. (DABYDEEN,2001, p.2, tradução nossa)[4]

Mesmo sabendo que ele nunca será um canadense "por completo", ele pode perceber que um tanto dos "modos canadenses" está se desenvolvendo nele (DABYDEEN, 2001, p.3). O clima continua sendo a constante preocupação e aborrecimento, "este deve ser o período mais frio do ano" (DABYDEEN,2001, p.3), ele repete. Ele tem vontade de resistir, tem planos para lutar e ser feliz na nova sociedade, embora mantendo a memória do trópico sempre viva em sua mente. Deve haver, como

[4] Ravi can hear the storm outside. He thinks of the place he came from and of the life he now lives in Canada where climate is always a factor. Here, in Canada, though, is the country he wants to experience fully: all its lakes and rivers. Perhaps, one day, to ski down the mountain at Whistle with breathtaking speed. Such fantasies.
With his eyes closed amid myriad shapes, he thinks of himself becoming a seasoned traveler and going to the tourist-information offices, including those of New Brunswick, Prince Edward Island, Nova Scotia, Ontario, Manitoba and British Columbia, each sending glossy magazines… However, he also recalls someone who recently said to him that no matter what, he could never be. Be what… a Canadian. (p.12)

afirma Homi Bhabha (1998, p. 19-35), “um terceiro lugar”, um local onde ele possa negociar, um espaço que recusa a representação binária do antagonismo (País Tropical *versus* Canadá, Calor *versus* Frio, etc.). Hibridismo é importante neste caso. Como sugere Bhabha (1998, p. 18-35), as condições híbridas ajudam a encontrar sua voz numa dialética que não procura supremacia cultural ou soberania:

> Eles empregam a cultura parcial da qual emergem para construir visões de comunidade e versão da memória histórica, que dão forma narrativa às posições minoritárias que ocupam: o exterior do interior, a parte do todo. (BHABHA, 1998, p. 34)[5]

Há, portanto, uma sugestão de tradução que os ajude a construir visões e abrem possibilidade de um novo espaço, não uma linha de separação, mas a possibilidade de trocas e transformações, de superação de tensões. Como argumenta Mary Louise Pratt (1992), “uma zona de contato”, um espaço para construir relações que se desenvolvam e melhorem no contexto dos encontros coloniais. Ravi sabe que o Canadá é muito frio, muito estranho para ele, mas ao mesmo tempo é o local que oferece a oportunidade para um novo mundo, nova vida. Em seu discurso para pessoas do governo federal ele tinha falado sobre este novo mundo que se abria diante dele, o Canadá; tinha falado sobre como ele queria viajar para todos os cantos, para as cidades mais remotas para sentir o Canadá. “De fato, o próprio Canadá está mudando, ele disse” (DABYDEEN, 2001, p.4). A mulher, Pierette, que migrou do Caribe também, ainda imagina um paraíso com palmeiras, ventos soprando pelas areias da praia, sol esplêndido em todos os lugares, muito diferente de Ottawa com um frio cortante lá fora” (DABYDEEN,2001, p.5).

Como se percebe, no entanto, as duas personagens não têm a mesma interpretação e percepção sobre seu deslocamento para o Canadá. Ravi sabe que, mesmo falando dos trópicos, sentindo saudades de seu “paraíso”, de suas origens, eles precisam fazer de tudo para sentirem-se em casa no “Norte”. Quando ele diz “É o jeito de fazer os novos canadenses sentirem-se em casa”, Pierette responde com uma pergunta: “Em casa?”. Depois ela completa: “Deve significar muito para você querer permanecer aqui. Você nunca quis retornar?” (DABYDEEN, 2001, p.8). Para sentirem-

[5] They deploy the partial culture from which they emerge to construct visions of community, and version of historic memory, that give narrative form to the minority positions they occupy: the outside of the inside, the part in the whole (Bhabha, 1998, p.34).

se fortes parece que eles precisam de suas origens, precisam conversar sobre o seu "paraíso".

Neste sentido, Ravi, embora sabendo que o Canadá é o seu destino, o seu meio de sobrevier, gosta de retraduzir o seu local de origem, onde agora tudo parece ser perfeito. Ele imagina como seria bom ir junto com ela, Pierette, à Jamaica. O seu possível retorno às origens o faz pensar e repensar no Canadá como um lugar. Ele imagina poder se transformar, poder se desenvolver e até ensinar no Canadá:

> [...] os muitos recém-chegados aprendem a História do Canadá de cor, não menos que isso, algo que ele percebeu quando começou a ensinar como voluntário no Centro de Serviços ao Imigrante ... É seu instinto instalar um senso de identidade em todos, novas realidades de lugar, um novo Canadá formando antes deles. (DABYDEEN, 2001, p. 10, tradução nossa)[6]

É com certeza este um processo de repensar, de rever e re-traduzir o novo país que lhe dá forças. Ravi quer contar a seus amigos sobre este processo. Ele sabe quão importante é construir uma nova identidade neste novo espaço. Mais tarde, em conflito, ele tem que repetir que realmente gosta do Canadá e quer afirmar: "Eu sou Canadense". Esta afirmação é uma resposta a algo que, de alguma forma, nega que ele é canadense porque "o ritmo da ilha bate em suas veias. A rajada do vento ártico bate mais forte. Ravi ouve as vozes de muitos estudantes, aqueles de diferentes partes do mundo que estão no Canadá" (DABYDEEN, 2001, p.11). Parece que ele não está convencido sobre sua identidade e tem que repetir isso a fim de construir sua "canadianidade". Percebe-se que o calor da sauna o faz sentir-se nos trópicos. Há um claro contraste entre o clima da sauna lá dentro e o frio terrível lá fora. O contraste de temperatura insiste em lembrar-lhe do clima tropical do Caribe em contraste com o Canadá: "A sauna ainda parece equatorial. Ele enxuga o suor do seu rosto, pescoço e braços" (DABYDEEN, 2001, p.9). A sauna é boa, mas é impossível viver lá para sempre. Parece que isso pode ser comparado com o país de origem, o Caribe ou as Guianas. É confortável e desconfortável ao mesmo tempo, embora o conforto convide para ficar, precisa-se ir lá fora, precisa-se de outro mundo a fim de ter novas perspectivas na vida.

[6] The many newcomers learn Canadian History by rote, no less, something he noticed when he started teaching as a volunteer at the Immigrant Services Centre… It is his instinct to install a sense of identity in everyone, new realities of place, a new Canada forming before them (DABYDEEN, 2001, p.10).

Pode-se dizer que Dabydeen, por meio de seus personagens, sugere que se precisa de memórias, de produção de uma imagem, de identidade, de origens, mas também de transformação. A própria transformação do sujeito que assume esta imagem é perceptível em sua obra. Percorrendo as memórias e os desejos de voltar à Guiana, para o calor tropical, o narrador também percorre seu interior, sem uma identidade fixa, sem um endereço fixo, em constante busca por uma identidade. Esta viagem poderia ser um mergulho fundo nos recônditos do espírito, da alma do autor/narrador, pois ele mesmo sabe que de alguma forma nas Américas há a impossibilidade de uma unicidade, uma vez que historicamente, racialmente, socialmente, religiosamente somos híbridos até na alma. Ademais, embora saibamos que a identidade não é estática e que cada encontro influencia o conceito que o indivíduo tem de si e de seu mundo e que as várias interações vão redefinindo o ser, sabemos que é necessário invocar a ideia do passado, da tradição. Como acredita Paul Gilroy, precisamos da memória do passado, para enfatizar a continuidade histórica e a fertilização cultural que acrescenta validade a uma cultura determinada (1993, p.188).

Algumas notas conclusivas

Tanto Pauline Melville como Cyril Dabydeen oferecem textos que exploram formas de uma personagem da América tropical traduzir um país da América do Norte, no caso o Canadá. Estas questões de "tradução envolvem problemas de identidade, de despertencimento e deslocamento quando se migra de um país pobre da América do Sul para um país do "Primeiro Mundo". Ambas as obras sugerem a necessidade de memórias, de alguma origem, em seu novo lugar, seu novo mundo para poder retraduzir o que se vê no novo país e assim re-significar sua vida. Portanto, Canadá, tanto na obra de Melville como na de Dabydeen pode ser traduzido como dor, sofrimento ao mesmo tempo em que oferece oportunidades para uma vida melhor e uma revisão do passado no clima tropical. Melville, morando na Inglaterra, e Cyril Dabydeen, no próprio Canadá, sugerem por meio de seus textos que o novo canadense, nascido nos trópicos, terá que disfarçar, reconhecer o seu passado, mas também interferir na tradução do novo espaço, deixando-o mais aceitável. Os

migrantes provavelmente nunca se sentirão completamente em casa nem no pobre país da América do Sul ou do Caribe onde nasceram, nem no Canadá, para onde eles se mudaram em busca de novas perspectivas. Eles vão estar comprometidos por toda sua vida com a memória e o desejo de integrar-se à nova sociedade. Pode-se perceber um contraste entre memória e realidade, país subdesenvolvido contra desenvolvido, passado contra presente, e, finalmente, cegueira contra visão (como sugere Wifreda em *The Ventriloquist's Tale*). Existe a necessidade de hibridizar, de misturar, mas também a necessidade de manter a memória, a vida original.

Talvez poderíamos concluir também que Melville traduz Canadá de maneira diferente de Dabydeen, um pouco menos crente na hibridização, mas no fim, parece que América do Norte, a "nova América", dá oportunidade a um colonizado da América do Sul ou do Caribe, para evitar destruição, para abrir as portas para nova vida. Assim, os migrantes conviverão com a incerteza, o estranhamento na terra "alheia", mas sonhando com a adaptação (ou retradução), com o pertencimento e aceitação. Os vínculos com a terra natal vão se tornando mais fictícios, mais imaginários, porém importantes para dar sentido à nova vida.

Referências

AMANTE, Adriana. Los contornos del exílio. In: PEREIRA, M. A *et al*. **Literatura e estudos culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 145-157.

BURKE, Peter. "Translating Knowledge, translating Cultures". In: BURKE, P. **A Social History of Knowledge** (Cambridge, 2000).

BHABHA, Homi. Culture's In Between. In: BENNET, David (Ed.). Multicultural/State: **Rethinking Difference and Identity**. London: Routledge, 1998.p.12

_____. **The Location of Culture**. Londres: Routledge, 1994.

DABYDEEN, Cyril. **Born in Amazonia**. Oakville, ON.; Buffalo, N.Y.: Mosaic Press, 1995.

_____. **North of Equator**. Vancouver: Beach Holme, 2001.

GIRLROY, Paul. **The Black Atlantic***:* Modernity and Double Consciousness. Cambridge: Harvard UP, 1993.

GODDARD, Barbara “A Tradução como cultura”. In: NENEVÉ, M.; MARTINS G. (Eds.), **Fronteiras da Tradução, Cultura, Identidade e Linguagem**. São Paulo: Terceira Margem,2009.

MELVILLE, Pauline. **The Ventriloquist's Tale**. London: Bloomsburry, 1998.

_____. in STOUCH, Jordan. **Return and Leave and Return Again**: Pauline Melville's Historical Entanglements. Arthurian: A Caribbean Study Journal. Disponível em: <http://anthurium.miami.edu/volume_3/issue_1/stouck-return.htm, 2006. Acesso em: 5 maio 2008.

NEERGAARD, **Teorie Contemporanee della traduzione, a cura di Siri Milano**: Strumenti Bompiani, 1998, p. 284-287. Título original Traducciòn: literatura y literalidade 1970), Barcelona, Tusquets. In Sigma, 1972, p. 33-34.

PYM, Anthony. **On the social and the cultural in Translation Studies. Intercultural Studies Group Taragona**: Universitat Rovira i Virgili, 2004. Disponível em https://pdfs.semanticscholar.org/8929/6da778f778b56f0cbb511d9704acac367da0.pdf.

NENEVE, Miguel. O inferno não é quente, mas muito frio: a visão do Canada a partir de dois autores da Guyana. In: GOULART, Sandra. **Identidades em trânsito**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

NIRANJANA, Tejaswini. **Siting Translation**. History, Post-Structuralism, and the Colonial Context. Berkely: University of California Press, 1992.

PAZ, Octávio. Traduzione: letteratura e letterietà. In: **Teorie Contemporanee della traduzione, a cura di Siri Nergaard.** Milano: Strumenti Bompiani, 1998. p. 284-287. Título original Traducción: literatura y literalidade. Barcelona, Tusquets. In: Sigma, 1972, p. 33-34.

PORTO, M. Bernadete. Pátrias Imaginárias na Poética das Migrações. In: PORTO, M. B. **Identidades em trânsito**. Rio: Eduff-Abecan, 2004. p. 54-70.

PRATT, Mary Louise. **Imperial Eyes**: Travel Writing and Transculturism. London: Routledge, 1992.

RUHSDIE, Salman. **Patires imaginaires**. Essais et critiques. 1981/1991. Paris: Chritian Bourgois, 1993.

SIMON, Sherry. Hibridações culturais, hibridações textuais. In: PORTO, M. B. (org.) **Identidades em trânsito**. Rio: Eduff-Abecan, 2004. p. 13-25.

SHEMAK, April. **Textual Trespassing**: The native informant in Literatures of the Americas. PhD Dissertation. Maryland: University of Mariland, 2004.

WALTER, Roland. **Narrative Identities**: (Inter) cultural in-betweeness in the Americas. Bern: Peter Lang, 2003.